

O ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR: A importância do intérprete de Libras no processo educacional.



MEDEIROS, Greyciane de oliveira;
COSTA, Giovana- ORIENTADORA.



PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

Percebe-se o cuidado com as dificuldades voltadas para aprendizagem, desafios de uma educação inclusiva, um dos grandes problemas das instituições escolares. Falar em educação inclusiva não é apenas atentar-se ao espaço em que esse aluno está inserido, sua integração, mas sim, valorizar seu conhecimento.

Neste contexto dar-se a atenção ao intérprete de Libras que diante do contexto escolar acompanha o aluno surdo nas instituições, presente na vida desses observando a forma que eles são inseridos juntamente com os demais.

A Libras deu início a partir da junção entre a Língua Francesa de sinais e gesticulações, que eram utilizadas pelos surdos brasileiros, ganhando espaço até o congresso de surdos em Milão proibir o uso da língua de sinais. Os surdos continuaram a se comunicar por sinais, porém houve um atraso da língua no mundo.

Contextualiza Quadros (2004) que a presença dos primeiros intérpretes no Brasil foi em atividades religiosas, a partir de 1980. Foi de maneira informal que o profissional de Libras surgiu, através de ações religiosas, onde esse processo facilitava a forma de doutrinar os surdos.

A língua de sinais nessa época era proibida fora do contexto religioso, porém os surdos não deixavam de utilizar entre rodas de amigos, nas brincadeiras etc.

No dia 24 de abril de 2002, a lei 10436 reconhece a língua de sinais como língua utilizada pela comunidade surda brasileira, resultado este, de muita luta.

Com esse aparato percebe-se importância do intérprete de libras na contemporaneidade, e através desse ele ganha o benefício de ter o intérprete em sala de aula, abrindo um leque de oportunidades para o aluno surdo e dessa forma ajudando na construção, promovendo a inclusão

O presente artigo tem como objetivo identificar a importância do intérprete de Libras no processo educacional de ensino e aprendizagem do aluno surdo na escola regular, a fim de garantir práticas pedagógicas eficientes, contrastando a relação de professor e o aluno, destacar opiniões de professores, salientando sobre a necessidade da Libras no ensino.

Nesta perspectiva, será realizada uma pesquisa de campo, que levará ao seguinte questionamento: Quais são as metodologias utilizadas para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem desses alunos? Com o propósito de entender e conhecer a escolarização do aluno surdo será realizado um questionário, com professores da rede regular de ensino, Visconde do Rio Branco, Ubá e Viçosa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A entrevista foi realizada com professores e professores intérpretes de libras, que atuam nas Cidades de Visconde do Rio Branco, Ubá e Viçosa.

Professor I atuante há oito anos, na cidade de Visconde do Rio Branco na disciplina de português, cita que em sua sala, de ensino fundamental II, atua com um aluno surdo, quando questionada sobre a preparação de material, ela relata que “o trabalho é realizado em conjunto com professor intérprete de Libras de modo elaborar materiais que utilizem mais imagens e contato manual/visual. A ideia é associar imagens e a Libras ao aprendizado da língua escrita.” Professor II, atuante há dois anos, na cidade de Ubá leciona no ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II, na disciplina de ciências, possui um aluno surdo em sala, onde há um intérprete de libras o acompanhando, sobre o material, este professor não faz nenhuma adaptação, já o professor III atuante em Viçosa, também não adequa o material.

Sobre o envolvimento com relação ao restante da turma, a professora II relata acreditar que ele se sinta integrado a turma e ao restante da escola, o professor I também acredita nessa integração já que todo conteúdo passado aos demais alunos é passado para o aluno surdo feitas as adaptações necessárias, professor III indaga que muitas das vezes o aluno se sente afastado da turma devido a barreira de comunicação, sendo indispensável a presença do intérprete

Sobre a interação entre o professor e o intérprete, o professor I relata que para que haja um resultado satisfatório para o aluno é necessário manter um diálogo diariamente, relatando sobre a situação e desenvolvimento do aluno surdo, atividades extraclasse, dialogar sobre conteúdos que ainda

serão trabalhados e como poderão ser adaptados numa linguagem mais acessível. Há também acompanhamento das atividades no caderno do aluno e observação da interação ou não dele em sala de aula. O professor II informa que há uma grande contribuição do intérprete de libras, onde essa ação contribui para maior rendimento ao conteúdo, já o professor III, diz que a maior interação é através da libras, já com o professor não há esse contato

CONCLUSÃO

Ao conhecer a trajetória do professor juntamente com o intérprete e o aluno, entende-se que o aluno surdo necessita ser entendido, e que o professor, intérprete e toda comunidade escolar deve desempenhar um papel em que esse aluno desenvolva suas potencialidades.

O papel do intérprete é caminhar lado a lado de forma conjunta de modo que o aluno realmente se sinta incluído no contexto escolar. Sua inserção no acompanhamento deste aluno é de extrema relevância, pois assim o professor assegura que o aprendizado do aluno foi satisfatório, além disso, é necessário a adaptação do material didático, sendo utilizado mais imagens, sempre associando imagens e libras ao aprendizado de modo que sempre há interação entre o professor e o intérprete, sendo necessário essa comunicação para que de forma eficiente seja elaborado um bom material didático.

Tendo em vista ao questionário aplicado conclui-se que o intérprete contribui junto com professor para que na execução de projetos o aluno surdo se sinta envolvido, interagindo a fim de expor suas capacidades uns com os outros, contudo, ao perceber que algumas questões o aluno não está assimilando o intérprete acaba atribuindo a si, não apenas a função de passar o que foi dito, aderido algumas ocupações que cabe exclusivamente ao professor.

É imprescindível a presença do intérprete para o acompanhamento do aluno surdo, mas que manter esse profissional na sala não é garantia de acesso para a verdadeira inclusão.

REFERÊNCIAS

DIZEU, I. C.T.B.; CAPORALI.S.A. **A Língua de sinais constituindo o surdo como sujeito.** Campinas, v.26, n.91, p.583-597, Maio/ago. 2005.

HONORA, M. **Livro Ilustrado de Línguas de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2009

LACERDA, C.B.F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem professores e intérpretes sobre essa experiência.** Caderno Cedes, Unicamp, Campinas, v.26, nº 69, p. 163-184, maio/ago.2006.

PERLIN,G. **“A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais”**, ETD Educação temática digital, Campinas, v.7, n.2, jun/p.135-146, 2006.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** SEESP, 2004, p. 14-15.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais:** nas áreas das necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, s/l, 1994.